

# Faça o que eu digo...

O presidente Fernando Henrique Cardoso é o mais falante de todos os presidentes da nossa história republicana, incluindo os casmurros e calados gerais-presidentes do redízio da Redentora, sem nenhuma exceção que mereça a ressalva.

Nos 5 anos, 7 meses e 10 dias dos seus dois mandatos concedeu poucas entrevistas coletivas e incontáveis individuais ou a grupos a repórteres de jornais, revistas e TVs, batendo recorde de loquacidade que deixa a quilômetros o segundo colocado.

Sente-se que gosta de falar, tem prazer em exercitar o raciocínio, brincando com os conceitos com a facúndia do professor com trânsito internacional. Raro é o dia em que não sobe à tribuna e solta o verbo. Em geral, mais de uma vez. Onde quer que esteja. Seja nas solenidades do Palácio do Planalto, das solenes e pomposas às simples rotinas da pauta.

Quem fala demais, apesar do equipamento intelectual e do desembaraço que é um traço do seu temperamento apurado pela vida, nem sempre está inspirado. Dezenas de entrevistas e centenas de discursos não terão lugar na sua biografia. Reconheça-se que muitos repórteres apostam no improviso e não se preparam para arrancar a informação nova, facilitando o despiste verboso que salta embaraços.

Pois o presidente acaba de conceder uma entrevista importante a *O Globo*. Além da competência notória, a repórter Míriam Leitão foi favorecida pelo momento: com a alma leve pela primeira reversão dos seus índices de popularidade em meses de amarga queda às funduras da rejeição, ansiava pela oportunidade do desabafo que oprime o peito e afunda as rugas no rosto sombreado pelas preocupações de período tormentoso.

Vamos à seleção dos melhores trechos da entrevista. Logo na abertura, a desclassificação da crise política para seu enquadramento na ética, com a moral: "Sou uma pessoa ciosa do comportamento moral, que é a única coisa que não permito ver arranhada." Continua no mesmo e correto tom indignado. ~~"E houve insinuações contínuas, que se esboroaram porque não têm consistência."~~ Cabe observar que faltou o toque de precisão, dando o nome aos bovinos para identificá-los na poeirada do estouro da boiada.

Adiante. Ou no mesmo lugar, pois o presidente bate na tecla sem avançar na música: "Não havia nada que comprometesse o comportamento moral e ético do governo. Se houvesse, seria mais grave do que uma crise política, porque comprometeria a credibilidade do governo." Arremata: "Os fatos precisam ser esclarecidos. Não podem ser tapados. Não sou favorável a se esconder. Abafar. Não! Tem que se esclarecer."

A exclamação valoriza a ênfase. Mas, não se deu por satisfeito. Encontrou jeito de retornar ao tema, como a sacudir o pó que mancha o paletó claro: "O pior é deixar no ar as insinuações. A mais indignante de todas foi o Dossiê Cayman. Aquilo foi uma farsa, e não se diz que foi uma farsa. Depois apareceram os casos dos ministros Greca e Elcio Alvares. Quando eles são derrubados, deixa-se a acusação no ar e não se fala mais no assunto."

Aqui tonteamos na encruzilhada da contradição. O presidente tem toda a razão ao queixar-se da leviandade com que a imprensa tratou a montagem evidente do chamado Dossiê Cayman. Mas, na reclamação seguinte não fica claro nem coerente porque convencido da inocência do risonho ministro Rafael Greca e do sisudo ministro Elcio Alvares, aceitou com pressa e alívio, o pedido de demissão de ambos.

E é essa sensação de duplicidade entre o que o presidente prega e diz com a atuação do governo que abre furos na preciosa teia dos argumentos do sociólogo. Neste exato momento em que tão peremptoriamente reafirma os seus compromissos éticos e seu empenho em apurar todas as denúncias, sem nada esconder e sem deixar nada inacabado, o governo mobilizou-se, em ação articulada e ostensiva, para impedir a instalação da CPI mista proposta pela oposição para investigar a responsabilidade dos três poderes no desvio de R\$ 169,5 milhões das verbas liberadas para a construção do prédio do Fórum Trabalhista de São Paulo.

Os riscos da CPI só ameaçam quem tem a cauda presa na roubalheira dos lalaus. A saída pelo portão estreito da subcomissão do Senado não escancara as janelas da desconfiança. Fica no ar o cheiro azedo do faz-de-conta, da investigação contida pelas dificuldades de quebrar os sigilos bancário, telefônico e fiscal dos suspeitos.

Com a mais parva ingenuidade pode-se especular que o presidente distribuiu carapuças que se enterram até as orelhas da sua maioria parlamentar, que estaria sendo mais realista do que o soberano ético e indignado.